

**C | ciudades
comunes
incubadora**

MANUAL DE PROJETO

Ferramentas de Esquina

Guilherme Bruno, Tiefensee Cascaes,
Letícia Maria Anselmo, Sofia Marterer
e Vinícius Mariot

—Brasil

**ciudades
comunes
.org**

**20
20**

Manual para a implementação de projetos táticos no espaço público

**Manual para a implementação
de projetos táticos no espaço público**

Coordenação
Víctor Franco, Analía Hanono

Redação
Cecilia Ciancio, Domenico Di Siena, Víctor Franco,
Analía Hanono, Carolina Huffmann, Matías Lastra

Desenho gráfico
Marina Pla

*Licença Pública Creative Commons
Atribuição–Não Comercial–
Compartilhável 4.0 Internacional*

Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 2021
Ciudades Comunes Editora

Para ver o resto dos manuais e acessar
para a publicação inteira digite:
tinyurl.com/skf6ajt8

www.ciudadescomunes.org
ig @ciudades.comunes
fb / tw @ciudadescomunes



Ciudades Comunes
é um projeto colaborativo
entre pessoas de diferentes
organizações para repensar
a coconstrução da cidade.

Ciudades Comunes visa
tornar as cidades mais
justas, equitativas, solidárias
e participativas por meio
da empatia, escuta e
experimentação com
ferramentas físico-digitais.

Guia para a replicabilidade do processo

O material a seguir é a base a partir da qual foi realizado o processo de incubação dos projetos vencedores do ideathon “Volver a la calle”, promovido pelo BID, em conjunto com Ciudades Comunes.

A Incubadora foi organizada por Ciudades Comunes entre agosto e outubro de 2020, em um intenso processo de adaptação das ideias preliminares para transformá-las em protótipos experimentais codesenhados para serem executados localmente.

A replicabilidade e escalabilidade dos protótipos podem ser medidas e avaliadas, com o objetivo de serem implementados na região da América Latina e Caribe, e com a perspectiva de tornarem-se novas políticas públicas para o retorno ao espaço urbano durante e após a crise sanitária da COVID-19.

Na sequência há uma breve explicação das ferramentas que fizeram parte do processo de incubação das propostas. A continuação, o manual de implementação resultante de **Ferramentas de Esquina**.

Por que um manual?

Um manual é uma publicação que reúne o essencial sobre um tópico. Neste caso, é um manual para a implementação de projetos táticos no espaço público, que favorecem a implementação de processos colaborativos na América Latina e Caribe.

O objetivo deste manual é compartilhar alguns aspectos necessários para se pensar um processo de ação coletiva no território. Pretende-se oferecer uma caixa de ferramentas e metodologias para o codesenho de uma intervenção tática e experimental.

Acreditamos no conhecimento aberto. Portanto, temos o compromisso de liberar conteúdos. Esperamos que este documento possa servir de base para facilitar a replicabilidade do processo e promover novas possibilidades para soluções coletivas.

Por que é importante pensar em um processo?

Para garantir o sucesso de um projeto de intervenção no espaço público, este deve ser articulado, codesenhado e coconstruído por tantas e diversas pessoas quanto possível.

Trabalhar com quem mora ou frequenta o local onde será feita a intervenção permite o fortalecimento das redes existentes e das comunidades envolvidas. Prever o uso ativo do espaço e sua apropriação e manutenção por parte das pessoas que o habitam requer empatia e compreensão das necessidades e lógicas estabelecidas no território.

Por este motivo o projeto de intervenção no espaço público é proposto como um processo interativo de análise, proposta, desenho e gestão entre quem aporta o conhecimento técnico e as pessoas que vão viver o espaço. O compromisso é gerar processos abertos e dinâmicos capazes de oferecer espaços de troca e participação ativa de toda a comunidade.

Caixa de ferramentas

Análise do território

Problematizar o território nos ajuda a formular propostas inovadoras para melhorar a vida nas cidades. Para isso, investigar o contexto em que a proposta é feita é fundamental para gerar ideias transformadoras que tenham um impacto positivo e sustentável no território. Pesquisar sobre questões históricas, culturais, econômicas, políticas, etc., com dados anteriores, permite reconhecer o recorte urbano para intervir e fazer uma proposta para melhorá-lo.

Mapeamentos coletivos

Um mapeamento coletivo é uma ferramenta que permite conceber um determinado território como uma rede de relações, graças às histórias de quem o habita. Algumas chaves para abordar o território são: empatia, coletar informações e dados sensíveis. Isso permite, por um lado, aumentar o conhecimento local e, por sua vez, construir a confiança da comunidade.

Para a construção de um mapeamento coletivo será útil levar em consideração uma série de premissas a serem consideradas anteriormente: os dados e variáveis a serem levantadas, a forma como o mapa será materializado –físico, digital, híbrido–, as etapas para sua execução, os principais pontos de encontro com as cidadãs e cidadãos e os recursos de comunicação visual para interagir com as pessoas, entre outros.

→ [Link para download de suportes para a replicabilidade do processo](#)

Atores do território

Um diagrama de atores permite construir um relato coletivo da realidade de um território. Para isso deve incluir essas pessoas, grupos, organizações, etc. que são chave. Por exemplo: pessoas afetadas pela proposta ou que têm impacto sobre ela; aquelas que possuem as informações, experiência ou recursos necessários sobre dada questão ou problema (e podem ajudar a resolvê-lo); aquelas que não estão sendo diretamente afetadas, mas podem ter um interesse; as pessoas necessárias para a formulação e/ou implementação de uma política pública nessa área; e aquelas que consideram ter o direito de se envolver nas decisões relativas ao assunto e seu tratamento.

Inteligência coletiva

O esquema de visualização de Inteligência Coletiva nos convida a refletir sobre os principais elementos, características, conexões e situações que podem facilitar a ativação de um processo de Inteligência Coletiva. É uma ferramenta que se concentra em projetar o processo ao invés do resultado. Para completar este esquema de visualização, deve-se levar em consideração: os atores envolvidos na equipe de trabalho ou afetados, as comunidades envolvidas, os espaços-chave para as atividades do processo, os objetivos, a forma de financiamento, as etapas, os canais de comunicação, o que você quer testar e como tomar decisões sobre as atividades e o processo.

Plano de Ação

O Plano de Ação leva a uma reflexão centrada na definição das diferentes fases de um processo de codesenho. Está estruturado em 10 fases, numa sequência circular que pode ser replicada e reiniciada em qualquer um dos seus pontos. Juntos eles descrevem de uma forma simplificada e generalizada um processo de codesenho aplicado.

As fases estão estruturadas em três etapas: reconfiguração (início, planejamento, envolvimento e objetivo), desenvolvimento (difusão, boas-vindas e desenvolvimento) e implementação (prototipagem, implementação e impacto).

Articulação

A cocriação de um calendário de trabalho deve ser adaptada às comunidades e à equipe de trabalho. Deveremos levar em conta uma variedade de horários de reuniões que garantam a participação de todas as pessoas e, também, ciclos que permitam diferentes graus de envolvimento no projeto.

O calendário mudará constantemente, adaptando-se aos contextos. Desta forma, é importante encontrar uma ferramenta ou plataforma cuja visibilidade seja fácil, independente de ser física e/ou virtual.

Prototipagem

Prototipar é realizar testes temporários no território. Isso é essencial para tornar visível o processo de transformação. Oferece a possibilidade de envolver o comércio local e a comunidade nesse processo. Serve para encontrar oportunidades ou problemas não contemplados inicialmente, de maneira que possam ser corrigidos. Propõe-se como uma experimentação no território, podendo promover um espaço lúdico. Por último, ajuda a fortalecer a inteligência espacial coletiva.

Recursos

Para analisar as fontes de financiamento é necessário determinar a escala do projeto a ser alcançada. Depende se trata-se de um projeto com dimensão material, cultural, de fortalecimento da rede ou de coleta e visibilidade de dados.

Recomenda-se levar em consideração a diferenciação em recursos materiais (listas de materiais), recursos humanos (divisão de tarefas) e recursos econômicos e jurídicos (orçamentos, licenças, seguros e fontes de financiamento).

Medição

A medição permite validar o protótipo com usuárias e usuários para entender como o projeto colaborativo tem funcionado. Além disso, serve para verificar se responde à necessidade/desejo/problema inicial detectado.

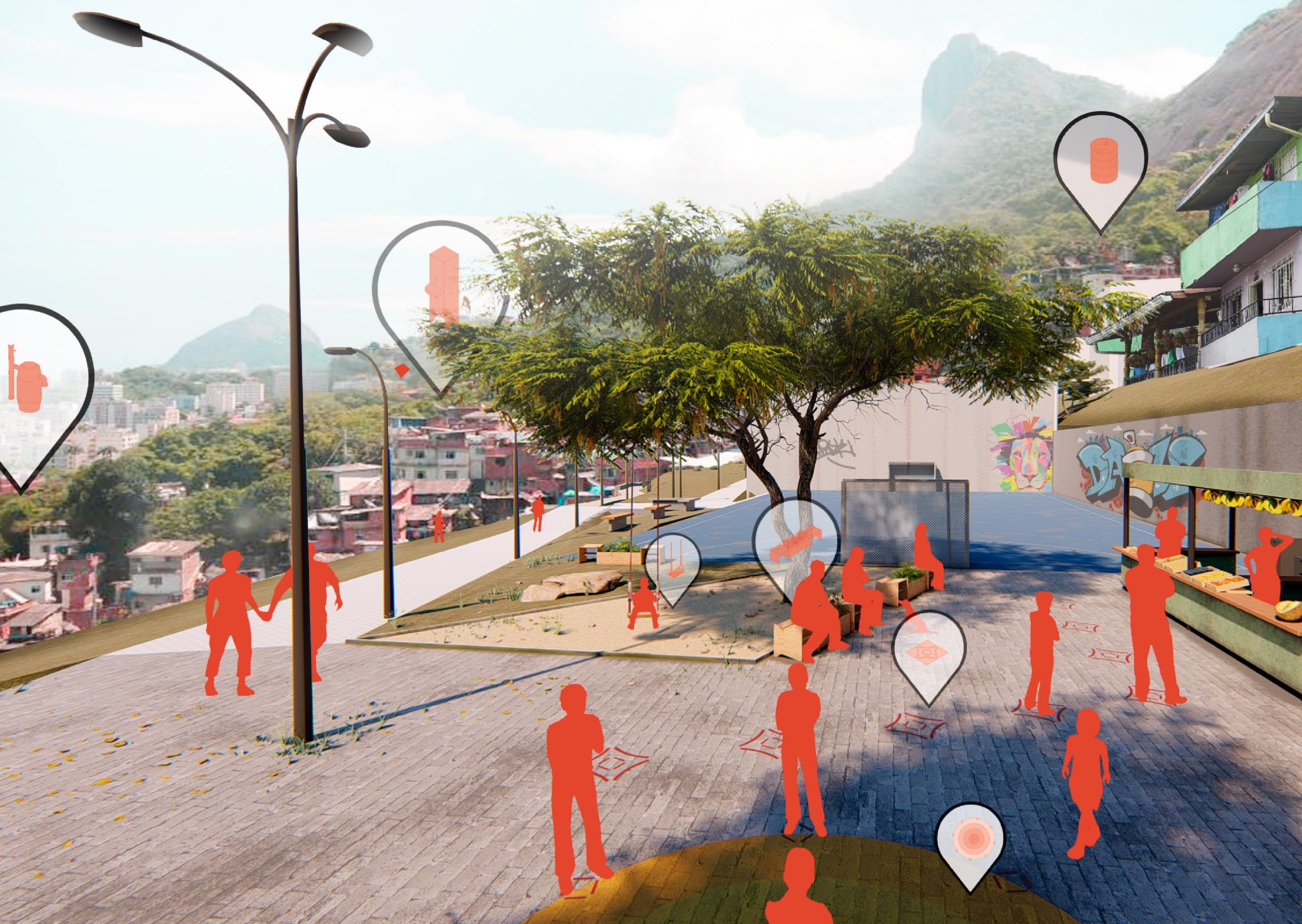
As informações são coletadas para poder se observar os acertos e/ou erros, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Para isso são utilizados levantamentos pessoais ou em grupo, observações, medições de uso, entre outros instrumentos possíveis.

Ressalta-se que é necessário realizar medições em diferentes momentos do processo, a fim de comparar as informações resultantes em valores tomados antes do processo, durante a fase de ativação e posteriormente.

Impacto

As medições dos protótipos testados são essenciais para avaliar o impacto da intervenção, o que servirá para justificar a importância e necessidade de replicá-la e multiplicá-la.

A visibilidade dessas informações é fundamental para a gestão e formulação de políticas públicas voltadas para cidades mais humanas.



Propósito

O Manual de Ferramentas Urbanas visa impulsionar o engajamento comunitário no espaço comum por parte de diferentes atores.

Além disso, contribui para a prevenção do COVID-19 através de ferramentas urbanas pontuais, de baixo custo e simples execução, aplicáveis a territórios vulneráveis de acordo com a dinâmica social e recursos disponíveis.



Contexto: Situação inicial

A comunidade da Serrinha está localizada no estado de Santa Catarina/Brasil, mais precisamente no Maciço Central de Florianópolis, o Morro da Cruz, que concentra mais outras 16 comunidades. Localizada no centro da capital do estado, apresenta elevada densidade populacional, alto índice de pobreza e precariedade de infraestrutura urbana.

A comunidade da Serrinha surgiu da ocupação rápida e orgânica provocada por imigrantes do interior que procuravam oportunidades surgidas do forte ramo do turismo e pela instalação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) nas proximidades, o que gerou um intenso crescimento urbano numa área que, até então, era praticamente rural.

A maior parte das ocupações deu-se sem nenhuma atenção dos órgãos públicos, o que resultou em áreas habitadas com baixa infraestrutura pública. Os primeiros investimentos significativos chegaram apenas para parte da comunidade, a partir de 2012, através do Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal, que incluía investimentos para a reabilitação urbana de assentamentos precários.

O crescimento dos assentamentos informais continua até hoje, resultado das dificuldades enfrentadas por muitos moradores de baixa renda. Dessa forma, as comunidades apresentam muitas carências de infraestrutura, com espaços extremamente precários e insalubres, aumentando a vulnerabilidade dos moradores frente à pandemia do COVID-19.

Diagnóstico geral da situação para melhorar

A recomendação na pandemia é permanecer em casa, mas parte da população continua a ir às ruas para garantir sua subsistência. Em territórios vulneráveis, a circulação e a aglomeração em espaços públicos é maior e se agrava pela falta de infraestrutura básica, principalmente o acesso à água para adequada higienização.

Principais variáveis para analisar

Uma análise prévia do território é importante para a equipe técnica compreender melhor o espaço em que irá intervir. O cruzamento de dados oficiais serve como base para conseguir coordenar uma análise conjunta durante o processo, contando com o conhecimento empírico local. É fundamental compreender o histórico de ocupação, a dinâmica social e de uso do espaço público, além de reconhecer a infraestrutura existente. Alguns pontos importantes são: espaços de estar, lazer, principais equipamentos e comércios (maior aglomeração); linhas de transporte e principais vias (rotas de maior circulação); presença de rede de saneamento (acesso à água) e a condição socioeconômica.

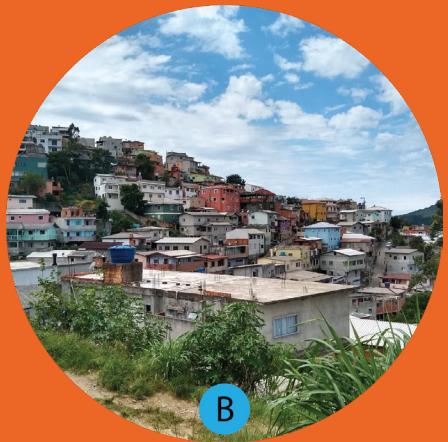




A



C



B



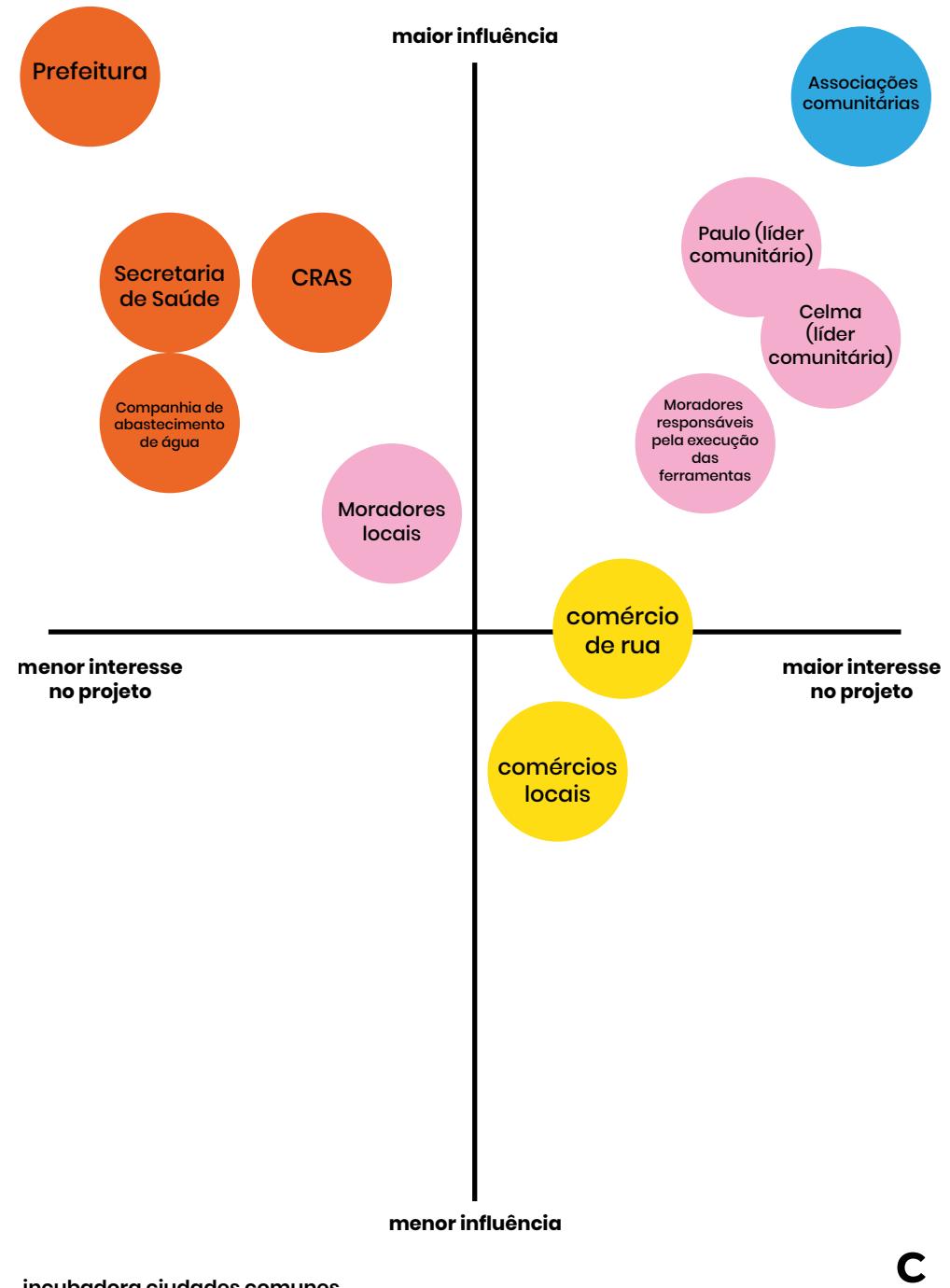
D

Atores sociais do território

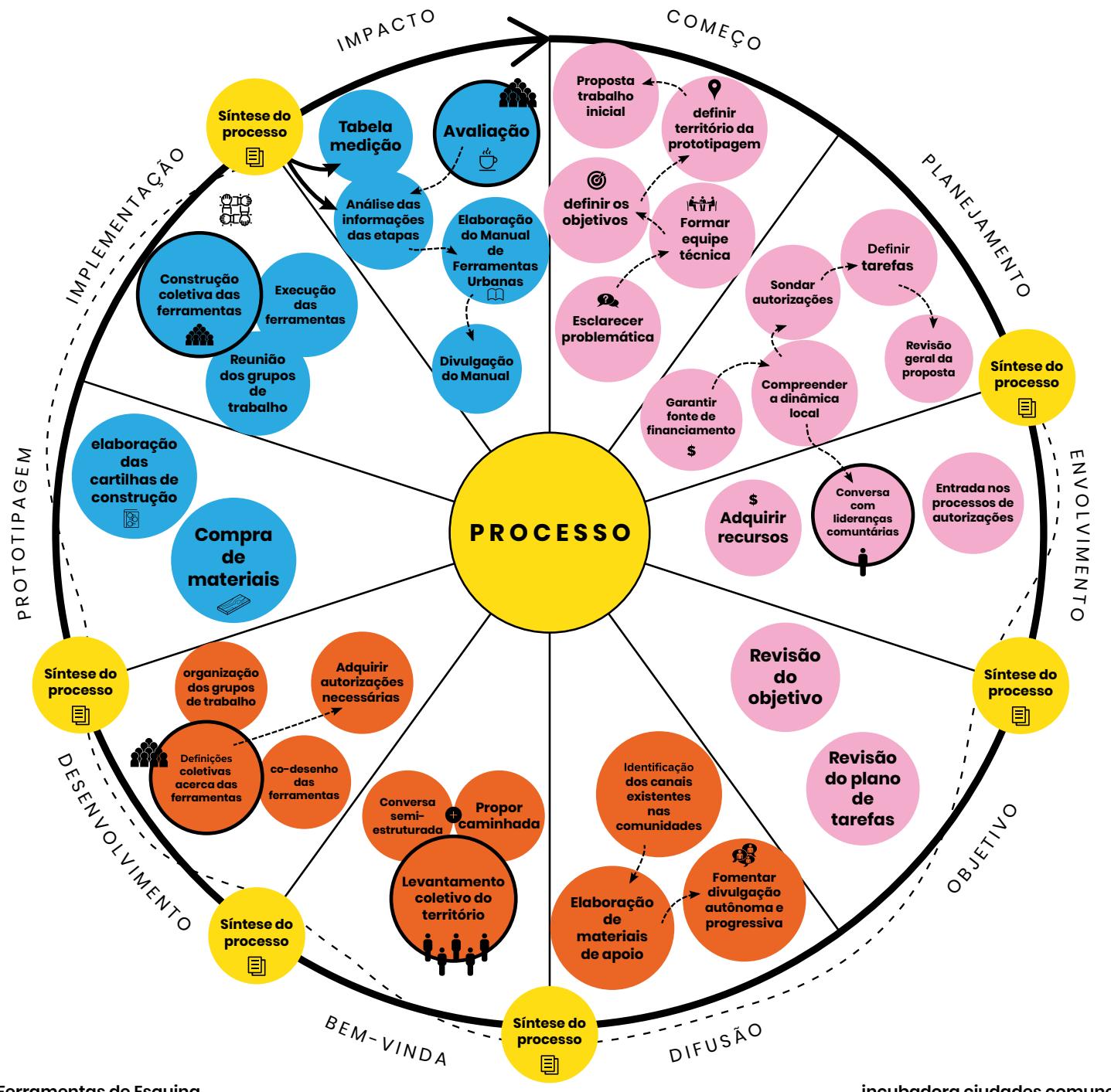
O Manual tem como foco o engajamento comunitário, pois esse é fundamental para garantir a apropriação do projeto por parte da comunidade. Devido a isto, o mesmo se estrutura em metodologias participativas que buscam através do envolvimento dos moradores melhorar a identificação das problemáticas locais e tornar a tomada de decisões projetuais mais condizentes com as reais necessidades da comunidade. Para auxiliar nesse processo, os atores que se envolverão de maneira mais direta serão as associações comunitárias e os seus líderes, bem como os moradores mais comprometidos com o projeto. Outros atores são fundamentais, sendo os principais aliados o governo municipal e órgãos competentes para conceder as autorizações necessárias. Além destes, é importante manter informado do processo o máximo de pessoas que vivem na comunidade com o intuito de atrair mais participantes. É imprescindível o alinhamento entre todos os atores envolvidos para o melhor andamento do projeto.

- Estado, instituição ou governo
- Privado, comercial ou empresas
- Organizações
- Indivíduos ou grupos de pessoas
- Outras

O NÍVEL DE INTERESSE E INFLUÊNCIA DOS ATORES SOCIAIS PRESENTES NESTE GRÁFICO É DINÂMICO, VARIÁVEL E REFLETE A PERCEPÇÃO DAS EQUIPES DE TRABALHO DURANTE O PROCESSO DA INCUBADORA



Plano de ação



O plano de ação apresenta tarefas essenciais que visam orientar a concepção, estruturação e execução do projeto. As atividades foram organizadas para que o processo dure três meses e meio (14 semanas). É importante não extrapolar muito além do espaço de tempo previsto, pois pode prejudicar o processo participativo, que é central neste projeto.

A participação da comunidade local é muito importante e está distribuída em atividades-chave por todo o processo. Estas atividades participativas (destacadas em borda preta) são espaços de debate que contemplam o poder de tomada de decisão para posterior construção coletiva. O envolvimento de atores locais acontece principalmente através destas e de forma gradativa, começando com lideranças comunitárias nas primeiras atividades, abrangendo atores mais próximos a eles na seguinte e ampliando sucessivamente até a atividade de confraternização de encerramento.

Durante todo o projeto devem acontecer avaliações das atividades e registros pela equipe técnica, a fim de sintetizar e analisar após um grupo de atividades e que, no final do projeto, servem de base para a construção do Manual de Ferramentas Urbanas, para a replicabilidade do processo de forma autônoma.

Cronograma: Articulação

ETAPA	TAREFAS	quem?	atores envolvidos	para que?	como?	CALENDÁRIO - SEMANAS													
						1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
COMEÇO	Esclarecer a problemática	Equipe técnica (ET)	Primeiros interessados	Definir diretrizes e maneiras de atuação.	Reuniões online, discussão e pesquisa.														
	Formar a equipe técnica			Aproximação multidisciplinar da problemática.															
	Definir os objetivos em comum			Alinhamento da equipe com objetivos da proposta.															
	Definir o território para a intervenção			Esclarecimento das condicionantes para atuação.															
	Estruturação da proposta inicial			Formular primeira proposição de trabalho.															
PLANEJAMENTO	Contato inicial com a fonte de financiamento	ET + fonte de financiamento (FF)		Garantir recursos para financiamento do projeto.	Email, reuniões online e discussão.														
	Reconhecer os principais atores	ET		Identificar a importância de cada ator no processo.	Canvas, contato inicial com líderes comunitários.														
	Contatar líderes comunitários	ET		Primeira aproximação com atores locais e verificar interesse comunitário de participar do projeto.	Conversa presencial.														
	Sondar autorizações oficiais necessárias para execução da proposta	ET		Facilitar o requerimento das autorizações.	Pesquisa e emails.														
	Mapeamento técnico das principais características do território	ET		Melhor compreensão do local de intervenção.	Cruzamento de dados oficiais.														
	Aprofundamento e detalhamento das partes da proposta	ET		Entender melhor as etapas fundamentais e reconhecimento de interação entre os atores.	Canvas de inteligência coletiva.														
	Submissão do projeto na fonte de financiamento	ET + FF		Reunir documentação para adquirir recursos.	Email, reuniões online e discussão.														
	Propor lista de tarefas	ET		Organizar as etapas para realização do projeto.	Reuniões online, planilhas e canvas.														
	Estudar metodologias de participação	ET		Esclarecimento dos processos e definição das atividades.															
	Propor cronograma inicial de atividades	ET		Otimização das atividades entre os atores do processo.															
DESENVOLVIMENTO	Realizar primeira revisão geral da proposta	ET		Estruturação do conteúdo para ter clareza sobre o projeto.	Organograma, reunião online.														
	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
OBJ	Oficina participativa 1: Conversa com lideranças comunitárias	ET + lideranças comunitárias (LC)		Discussão da ideia e do cronograma para engajar lideranças e aumentar apropriação.	Conversa presencial.														
	Entrada nos processos de autorizações	ET + governo local (GL)		Optimizar os esforços para conseguir as autorizações.	Email e ligações.														
	Adquirir recursos para implementação	ET + FF		Viabilização do projeto.															
DIFUSÃO	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
	Revisão do objetivo do projeto	ET		Alinhamento do objetivo com as diretrizes.	Reflexão sobre os processos anteriores.														
	Revisão do plano de atividades	ET		Otimização das atividades entre os atores.															
BEM VINDA	Identificar canais de comunicação na comunidade	ET		Divulgação eficiente do projeto para atrair mais atores.	Utilizar canais já existentes e mídias digitais.														
	Elaboração de materiais de apoio	ET		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
	Divulgar em mídias digitais	ET		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
DESENVOLVIMENTO	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Identificar coletivamente problemáticas e possíveis espaços de intervenção.	Mapeamento coletivo e caminhada.														
	Oficina participativa 2: Levantamento coletivo do território	ET + LC + moradores (M)		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Alinhamento das ferramentas e necessidades locais para apropriação da proposta.	Oficina participativa, co-desenho.														
PROTO TIPOGRAMA	Oficina participativa 3: Definições coletivas acerca das ferramentas e organização dos grupos de trabalho	ET + LC + M		Alinhar a proposta com o governo local.	Email e ligação.														
	Adquirir autorizações necessárias com governo local	ET + GL		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Especificações técnicas para orientar construção das ferramentas.	Online e impressão.														
IMPLEMENTAÇÃO	Elaboração das cartilhas de construção	ET		Execução das ferramentas.	Compra preferencial nas comunidades.														
	Compra de materiais e instrumentos	ET		Montagem para avaliar e melhorar a proposta.	Mutirão.														
	Oficina participativa 4: Construção coletiva das ferramentas	ET + LC + M		Objetivar informações para inclusão no Manual.	Relatórios.														
IMPACTO	Revisão e síntese das informações sobre o processo	ET		Avaliar o processo completo.	Conversa informal e questionário.														
	Oficina participativa 5: Confraternização de fechamento e avaliação do processo	ET + LC + M		Finalização das obrigações fiscais.	Comprovantes fiscais e relatório.														
	Prestação de contas	ET + FF		Avaliar efetividade imediata das ferramentas.	Relatos e observação.														
IMPACTO	Andilise in loco do uso das ferramentas	ET		Elaboração do Manual de Ferramentas Urbanas.	Sistematização online.														
	Compilação e organização das informações recolhidas em cada etapa	ET		Sistematização simples e didática.															
	Elaboração do Manual de Ferramentas Urbanas	ET		Fomentar a replicabilidade do projeto e aumentar a abrangência de divulgação do Manual.	Mídias digitais.														
Divulgação do Manual de Ferramentas Urbanas																			

Protótipo

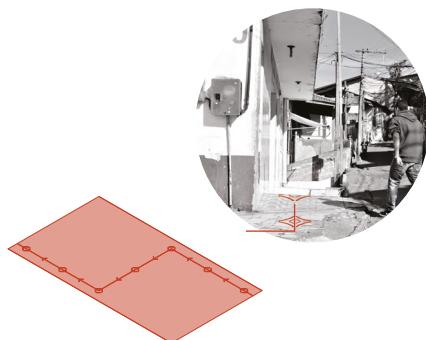
Em busca da efetividade das intervenções, estabeleceu-se um processo no qual a concepção das ferramentas acontece em conjunto com a comunidade. No decorrer da implementação, cada atividade colaborativa ajuda a definir aspectos das ferramentas. Para a etapa de construção coletiva o objetivo é que se elaborem fichas de construção que contêm a importância do trabalho coletivo, o objetivo da ferramenta, dicas de escolha do local, pontos que podem e que não podem ser alterados no projeto –buscando não perder o objetivo da ferramenta– e um passo a passo da construção.

Foram preconcebidas nove ferramentas de acordo com as necessidades encontradas em um primeiro reconhecimento do território: marcações de distanciamento para filas e aglomerações; bancos com afastamento verde para áreas de estar; balanço infantil e roda de brincadeiras para crianças; pias para auxiliar na higienização, com uma versão conectada à rede pública de água e esgoto e a outra independente; e sistema de coleta de água da chuva, para áreas com restrição de acesso à água. Estas foram planejadas para serem de simples execução e com materiais de baixo custo, optando por aqueles que o tempo de sobrevida do vírus COVID-19 é menor e que sejam de fácil higienização.

Ferramentas de Esquina

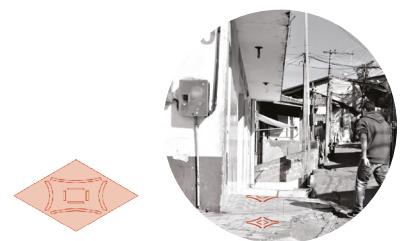
Marcação para distanciamento

Distanciamento em locais de filas (fitas)



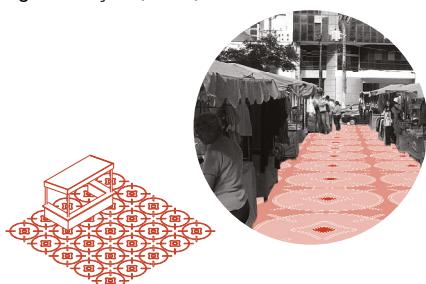
Marcação para distanciamento

Distanciamento em locais de filas (stêncil)



Marcação para distanciamento

Distanciamento em locais de aglomeração (feiras).



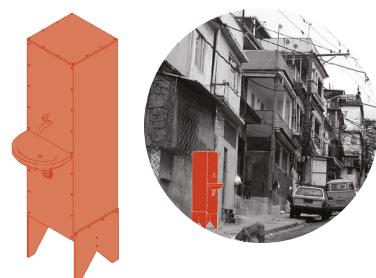
Pia pública

Higienização: lavar mãos e objetos. Conectada com a rede de água.



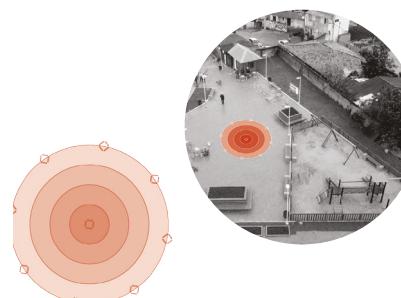
Pia independente

Higienização: lavar mãos e objetos. Independente da rede de água (balde).



Roda de brincadeiras

Brincadeiras mais seguras: distância.



Balanço

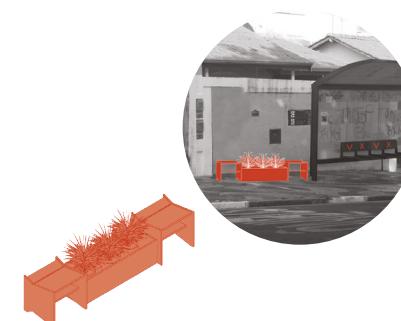
Brincadeiras mais seguras: distância e fácil higienização do balanço.



incubadora ciudades comunes

Banco com afastamento

Estar com distanciamento.



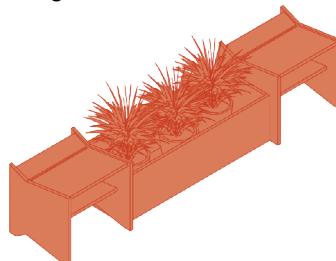
Banco com afastamento verde

Fazer em grupo!

É indicado realizar a construção desta ferramenta em grupo e com um processo participativo. Construir um equipamento de uso coletivo em mais pessoas ajuda a conscientizar quem participa do processo e faz com que mais gente cuide desta ferramenta quando pronta. Mas atenção: é importante tomar todos os cuidados em relação à transmissão do COVID-19. De qualquer forma, quando não for viável, pode-se construir esta ferramenta de forma individual.

Para que serve esta ferramenta?

A exposição de cada pessoa ao COVID-19 aumenta de acordo com o tempo de permanência em cada local. Assim, garantir o distanciamento mínimo entre pessoas que permanecem por algum tempo em um mesmo local é muito importante. O banco com distanciamento verde foi desenvolvido com o objetivo de trazer conforto e segurança de uma maneira mais agradável.



Ferramentas de Esquina

Escolhendo local

Locais públicos de interesse comunitário definidos na etapa de “Levantamento coletivo do território”.

Exemplos: locais de permanência maior –pontos de ônibus, praças, parques infantis, esquinas, saída de comércios ou instituições–.

O que pode e o que não pode mudar

Esta ferramenta pode ser personalizada de acordo com as necessidades e características de cada situação, mas algumas coisas não podem mudar para que ela não perca sua eficiência.

Este é um exemplo de ficha de construção. Você pode encontrar esta e as demais fichas acessando o link no fim deste manual!

→ ferramentasde.wixsite.com/esquina



Não pode mudar

- Distância entre os bancos: esta distância dificulta a transmissão do COVID-19 entre as pessoas.
- Materiais acessíveis e de baixo custo: garantem que a ferramenta seja barata.
- Capacidade de execução pela comunidade: evita necessidade de profissionais especializados, deixando a construção mais rápida, barata e divertida.
- Baixa manutenção: como é um equipamento de uso externo e comum é um aspecto muito importante.
- Resistência à intempéries: por estar em espaço aberto, escolha de materiais e modo de construção devem levar este ponto em consideração.

Pode mudar

- Modo de construir: defina em conjunto a maneira mais adequada para a construção, pensando nas condições e conhecimentos de sua comunidade.
- Materiais da ferramenta: escolha materiais de fácil acesso em sua região: lembre-se de considerar as outras condições.
- Formato dos bancos: o formato final desta ferramenta é uma alternativa; altere conforme a necessidade.
- Formato da jardineira: o formato final desta ferramenta é uma alternativa;; altere conforme a necessidade.
- Considerar possíveis adequações no espaço para receber a ferramenta.

Mobilize sua comunidade e mãos à obra!

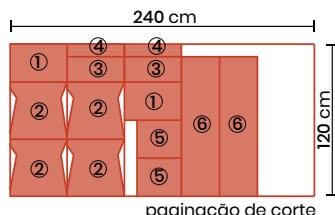
MATERIAIS

A. Placa OSB (cortes)

dim. 240 x 120 cm / esp. 18,3 mm

Dimensões:

- 1- (2x) 30x45cm
- 2- (4x) 45x45cm
- 3- (2x) 45x20cm
- 4- (2x) 45x10cm
- 5- (2x) 35x30cm
- 6- (2x) 30x110cm



B. Vasos de plantas



Você pode usar
vasos plásticos
ou adaptar
balde reciclados
com furos
embaixo

C. Parafusos

32 unidades - 4,0 x 45mm



6 unidades - 3,5 x 35mm



D. Impermeabilizante

Verniz marítimo
1 lata (900ml)



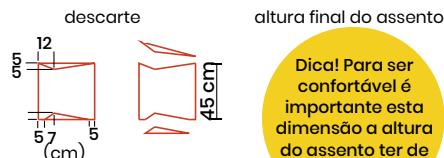
Instrumentos:

Instrumentos:
furadeira/parafusadeira,
serrote, trena, lápis,
esquadro e chave phillips.

Ferramentas de Esquina

Passo 1

Marque as peças na placa OSB e corte de acordo com as dimensões indicadas.



Passo 2

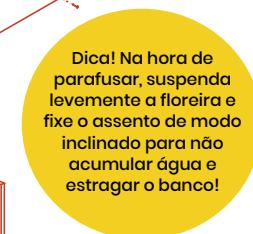
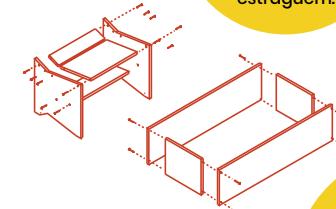
Passo 2

Parafuse as partes dos assentos e floreira com os parafusos de 45 mm.

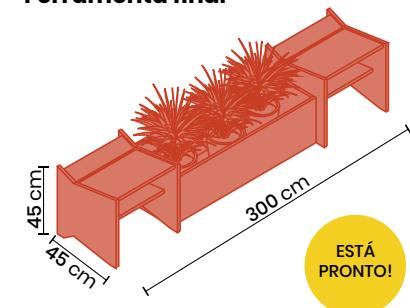


Passo 3

Fixe os assentos à jardineira com parafusos de 35 mm, garantindo o distanciamento individual.
Impermeabilize.



Ferramenta final



incubadora ciudades comunes

Objetivos de medição

Os objetivos de medição são organizados em três grupos. O primeiro deles é o engajamento comunitário, avaliado através da evolução das presenças e contribuições feitas ao longo das oficinas participativas. A atividade que demanda maior envolvimento comunitário será o mutirão e, por isso, o número de participantes desse evento é um indicador separado.

O segundo objetivo é a apropriação das ferramentas por parte da comunidade, medido através do número de participantes interessados pela construção de cada ferramenta, bem como o uso efetivo das mesmas. A satisfação dos moradores é um indicador crucial. Além disso, devem ser avaliados a longo prazo a manutenção das ferramentas pela comunidade.

Por fim, com o intuito de realizar um processo eficiente, é importante que as tarefas descritas no Plano de Ação e as atividades participativas desenvolvidas contemplem as necessidades da comunidade e atinjam os objetivos preestabelecidos em cada tarefa.

Objetivo	Indicador	Definição Indicador	Fonte de Dados	Ferramenta	Número de Medições	Temporalidade
Engajamento comunitário no processo	Compreensão da importância e dos objetivos do processo	Clareza das informações repassadas pela equipe técnica	Respostas da avaliação colorida (AC)	% das respostas da AC	1x por 2h	Durante a oficina participativa (OP) 4
	Evolução do número de participantes por OP	Participantes/OP; evolução de participantes ao longo do processo	Equipe técnica (ET)	Observação	1x por OP (total=3)	Durante a realização das OP's 2, 3 e 5
	Percentual de participantes que se expressam	Participantes que contribuiram/Participantes total	ET	Observação	1x por OP (total=3)	Durante a realização das OP's 2, 3 e 5
	Número total de contribuições	Contribuições podem ser novas ideias ou adaptações	ET	Observação	1x por OP (total=3)	Durante a realização das OP's 2, 3 e 5
	Número de participantes no mutirão	Número de participantes presentes durante a OP 4	ET	Observação	1x	Durante a realização da OP 4
Apropriação das ferramentas	Número de participantes por ferramentas	Participantes interessados na construção de cada ferramenta	ET	Observação	1x	Durante a realização da OP 4
	Quantidade de usuários do espaço antes das instalações	Quantidade de pessoas que usam o espaço antes	ET	Observação	2x por 2h	Dois horários em dias diferentes antes da OP 4
	Quantidade de usuários do espaço depois das instalações	Quantidade de pessoas que usam o espaço depois	ET	Observação	2x por 2h	Dois horários em dias diferentes depois da OP 4
	Satisfação com as ferramentas	Impressão e identificação das pessoas com as ferramentas	Respostas da AC	% das respostas da AC + observação	1x por 2h	Durante a OP 4
	Usa das ferramentas pela comunidade	Uso efetivo das ferramentas pelos moradores	ET	Observação	2x por 2h	Dois horários em dias diferentes depois da OP 4
	Manutenção das ferramentas pela comunidade	Manutenção de problemas oriundos da utilização diária e/ou depredação	ET	Observação	-	Longo prazo
Tornar clara e eficiente a proposta final do processo	Adaptação das ferramentas pela comunidade	Alterações físicas e no modo de uso das ferramentas	ET	Observação	-	Longo prazo
	Compreensão das fichas de construção das ferramentas	Clareza das informações técnicas nas fichas	Respostas da AC	% das respostas da AC	1x por 2h	Durante a OP 4
	Independência dos grupos de trabalho	Autonomia na hora da construção com base nas fichas	ET	Observação	1x	Durante a OP 4
	Eficiência do Plano de Ação (PA)	Atividades do PA contemplam as necessidades do processo e objetivos	ET	Observação	1x por etapa (mínimo=5)	Na síntese prevista nas etapas do PA
	Funcionamento das metodologias	Eficiência das atividades propostas nas metodologias participativas	ET	Observação	1x por OP (total=5)	Durante a realização das OP's 1, 2, 3, 4 e 5

Escalabilidade e replicabilidade

Para tornar uma proposta escalável em tempos de pandemia é necessário um grande nível de autonomia de execução possibilitado por alternativas simples e com mobilização social necessária para executá-las. A simplicidade das soluções conferem o engajamento para efetivá-las e auxiliam na aprovação dos espaços públicos. Através dessas diretrizes que as soluções apresentam-se na forma de Manual.

O objetivo é que, em posse dos materiais, os líderes comunitários e demais participantes identifiquem os locais adequados para a execução e mobilizem os interessados. A intenção de reunir um conjunto de ferramentas é disponibilizar alternativas que possam ser utilizadas em conjunto ou separadamente de acordo com a necessidade e disponibilidade de recursos de cada local.

Oferecer opções de ferramentas de modo acessível quanto aos materiais e ao roteiro de montagem confere replicabilidade e escalabilidade ao trabalho, pois auxiliam a ocupação dos espaços públicos por meios existentes nas próprias comunidades.

Recomendações e considerações COVID-19

A pandemia do novo coronavírus provocou uma reordenação das atividades urbanas e da rotina dos habitantes de diversas cidades no mundo. Sendo o distanciamento individual a principal recomendação é importante que as oficinas participativas do projeto sejam planejadas segundo esse princípio e que estas ocorram preferencialmente em áreas abertas. Além deste cuidado, é fundamental que não sejam compartilhados os materiais e, caso haja confraternização com comida, priorizar porções individuais. Assim, recomenda-se que todos os participantes utilizem máscara e higienizem as mãos constantemente. Para o mutirão de construção das ferramentas é ideal que sejam organizados pequenos grupos de trabalho de maneira a evitar a aglomeração de pessoas.

Sobre a equipe

Guilherme Bruno Tiefensee Cascaes

Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuante na área da Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS), entusiasta da metodologia de coprodução (processo participativo) para Arquitetura e Urbanismo.

Letícia Maria Anselmo

Engenheira de Materiais formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuante na área de Engenharia de Materiais e Metalurgia do Pó, com foco em Tribologia de Materiais Compósitos Autolubrificantes.

Sofia Marterer

Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuante na área de Planejamento Urbano e Regional, com interesse em processos participativos, experiências autônomas e insurgentes.

Vinícius Mariot

Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atuante na área de habitação social e planejamento urbano em escala de bairro.



→ ferramentasde.wixsite.com/esquina



**C | ciudades
comunes**

ciudadescomunes.org